

jose
gomes
ferreira

obras completas

*5 Caprichos
Teatrais*

OBRAS COMPLETAS
DE
JOSÉ GOMES FERREIRA

13

5
CAPRICHOS TEATRAIS

JOSÉ GOMES FERREIRA

5

CAPRICHOS TEATRAIS

**inspirados na Revolução Portuguesa de 1974
e escritos em 1977-78**

MORÆS

TÍTULO ORIGINAL

5 Caprichos Teatrais

*Inspirados na Revolução Portuguesa de 1974
e escritos em 1977-78*

COPYRIGHT

José Gomes Ferreira

COLECÇÃO

Obras Completas de José Gomes Ferreira - 13

CAPA E PLANO GRÁFICO

Vitorino Martins

REVISÃO

Moraes Editores

COMPOSIÇÃO

Fototipo, Lda.

IMPRESSÃO

Safil

1.^a edição, Dezembro de 1978

N.^o de ed. 850, 3.000 exemplares

Direitos de tradução, reprodução e adaptação desta
edição reservados para todos os países por

Moraes Editores

Rua do Século, 34-2.^o

LISBOA - PORTUGAL

À Memória de Manuela Porto cujo milagre de criar poesia diante do público ninguém até hoje conseguiu repetir com tanta pureza. À amiga que quando me encontrava sempre me pedia como quem ordena, súplice:

— Zé Gomes: escreva-me uma peça.

Escrevi-a (escrevi-as) agora, já tarde quando não poderei passar de aprendiz, ajudado por um incitamento teórico que ousou resumir nesta frase: o teatro para ser vivo e autêntico tem de se tornar numa espécie de exame de consciência colectivo de uma determinada época.

Eis o que tentei fazer nestas experiências, inspiradas na Revolução, que o 25 de Abril suscitou e, por infelicidade dos Portugueses, já nasceu abortada — o que, como a tantos de nós, os que restam desse tempo, também, por certo magoaria o coração tão feminino e varonil da antifascista militante que se chamou Manuela Porto.

3

O PATAMAR

Personagens

O Velhinho

O Sr. X

Cão que Ladra (Off)

Os passos que se ouvem antes de subir
e depois de cair o Pano

*(O encenador deve dar uma grande importância a
estes passos, fundamentais na peça).*

Patamar de um andar burguês com uma porta colocada onde mais convier ao encenador. No patamar há dois lances de escadas: um à esquerda outro, que sobe, à direita dos espectadores. Em plena escuridão, antes de começar a peça, OUVEM-SE PASSOS de quem trepa a escada com lentidão pesada. Passos cujo som vai crescendo conforme o pano vai abrindo. É um velhinho que sobe e pára no patamar. Dirige-se à porta e toca a campainha. Ninguém a abre. O velhinho, mal vestido, embora com certa compostura, tropeça numa garrafa de leite que rola no patamar. Endireita a garrafa e volta a tocar a campainha. Ninguém atende. Só quando o velhinho se prepara para tocar novamente, a porta começa a abrir-se devagar até surgir o vulto do Sr. X, um homem muito direito, de aspecto dominador e, ao mesmo tempo, sarcástico, terno, irónico, calmo e furioso.

- O Velhinho: — *(Com solenidade postiça)*. Que a eternidade seja contigo, irmão.
- O Sr. X: — A eternidade dura um instante, camarada... Ah! és tu? Desculpa, mas não te conheço. Que me queres? Ainda bem que vieste. Tu ou outro qualquer... Estava à tua espera... Que desejas? És comunista?

Breve nota final

Todos, ou alguns destes caprichos, podem constituir um único espectáculo. Basta ligá-los como melhor aprouver ao critério e engenho sóbrio dos encenadores, que o autor preferiria que utilizassem apenas música do compositor Fernando Lopes-Graça, se fosse possível escrita especialmente, sem lhe faltar uma pequena abertura sinfónica referente à Revolução de 1974.

Na ausência dessa «abertura de câmara» os encenadores poderiam talvez empregar o coro *Acordai!* ou a *Balada para uma Heroína*, que o mesmo compositor escreveu para versos meus.

J.G.F.